

## CLESSI E ENY: DA SUBMISSÃO AO EMPODERAMENTO FEMININO

Fábio Alessandro Somenci<sup>1</sup>; Maria Clara Mamede<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Centro de Ciências Humanas - Universidade do Sagrado Coração (USC) - Bauru/SP - fabiosomenci@gmail.com; <sup>2</sup>Graduanda em Letras – Português e Inglês - Universidade do Sagrado Coração - mariaclaramamede@gmail.com

### RESUMO

O presente trabalho desenvolverá reflexões a respeito do comportamento feminino considerado adequado aos olhos da sociedade e o comportamento condenável pela mesma. Para tal estudo serão desenvolvidas conexões inter-personas: entre a personagem literária “Madame Clessi”, prostituta símbolo de liberdade e independência, presente na obra *Vestido de Noiva*, 1943, de Nelson Rodrigues, e a personagem real “Madame Eny”, famosa proprietária de bordéis em Bauru-SP e que ficou documentada na obra *Eny e o grande bordel brasileiro*, 2002, de Lucius de Melo. Se no passado considerava-se uma mulher empoderada aquela que obedecia aos padrões comportamentais “corretos”, o que se pretende mostrar nesse estudo é distinto: seja na literatura ou na vida em sociedade, uma mulher que diz não ao sistema vigente e decide viver de modo independente usando o próprio corpo como instrumento de trabalho e realização pessoal é criticada e excluída. Cumprir o “protocolo social”, mas guardar desejos íntimos, almejando uma vida desinibida e independente, principalmente com relação ao próprio corpo, não fez parte das “personas” em estudo, pretende-se assim levantar esta problemática e destacar o cruzamento comportamental feminino ousado para aqueles anos de 1940.

**Palavras-chave:** Liberdade Feminina. Empoderamento. Eny. Clessi. Teatro Rodriguiano.

### 1. INTRODUÇÃO

A velha máxima de que a arte imita a vida poderia ainda ser considerada em pleno século XX ou os costumes, hábitos e tradições foram completamente substituídos pela vida moderna marcada pela tecnologia, trabalho e materialismo? Quando uma obra literária representa sonhos de uma jovem que almeja o sucesso, liberdade e independência tais como relatado num diário de uma prostituta famosa, seria apenas arte ou reflexo do real? O entrecruzamento de ficção e realidade desde muito, como nos textos realistas, tem sido matéria para a produção literária. No entanto estabelecer relações entre a ficção e a realidade como pesquisa literária não tem sido constante nos estudos acadêmicos, o que não invalida sua contribuição para a compreensão de determinada época ou estilo, por exemplo.

Madame Clessi, personagem da peça teatral *Vestido de Noiva*, 1943, de Nelson Rodrigues, e “Madame Eny”, personagem da obra-documentário *Eny e o grande bordel brasileiro*, 2002, de Lucius de Melo, serão aproximadas neste estudo por, dentre outras coisas, terem sua existência, ficcional e real na década de 40 do século XX, e por representarem certo imaginário de empoderamento pautado pela liberdade, prazer e sucesso alcançados graças à prostituição ou simplesmente administração sexual do próprio corpo.

A primeira alimentou o imaginário da personagem Alaíde, presente também em *Vestido de Noiva*, já a segunda alimentou o imaginário de gerações de homens e também mulheres que viam em Eny um empoderamento que seduzia e atraía pessoas importantes da história brasileira, entre artistas e políticos importante como o presidente Jânio Quadros (MELO, 2002).

Ambas assumem o empoderamento usando como principal instrumento a sexualidade, que segundo Michel Foucault, 1988, em *História da Sexualidade*, destaca:

Falar da ‘sexualidade’ como uma experiência historicamente singular suporia (...) três eixos que a constituem: a formação dos saberes que a ela se referem, os sistemas de poder que regulam sua prática e as formas pelas quais os indivíduos podem e devem se reconhecer como sujeitos da sexualidade. (FOUCAULT, 1988, p. 10 -11).

A seguir, apresentam-se as semelhanças na trajetória de vida e carreira profissional de Madame Clessí e Eny Cezarino sendo a primeira literária e a segunda documental, duas mulheres que se reconhecem como eixos da sexualidade e à maneira de cada, usufruem de práticas dessa atividade para vencer os padrões sociais vigentes e empoderarem-se.

## **2. A PERSONA “MADAME ENY”: ENTRE O CONSERVADORISMO E A LIBERDADE**

Embora tenha sido criada dentro de uma família tradicional, italiana, católica e, tenha estudado durante toda a infância nos melhores colégios de São Paulo, a menina Eny Cezarino já apresentava sua vaidade e desejo de ascender ainda mais na sociedade. No entanto, após a crise financeira que atingiu sua família, Eny se vê obrigada a auxiliá-los nesse momento de dificuldade. O problema é que o modo como ela resolve ganhar dinheiro não seria aprovado pela família.

A prostituição enquanto profissão mais antiga do mundo apresenta, assim como tudo na humanidade, dois pontos, o primeiro é o da prostituição por falta de escolha, sendo muitas vezes vista como único recurso na vida de uma mulher. A segunda é justamente o oposto, é a escolha da prostituição como profissão, muitas vezes pelo desejo imenso de quebrar tabus pré-estabelecidos e a vontade de ganhar dinheiro de modo rápido e prazeroso. Eny Cezarino partiu para a prostituição tendo em mente essa segunda ideia.

Justamente essas circunstâncias que levam à prostituição são as responsáveis por existir dois tipos de “ambientes” onde as moças irão trabalhar. As que não tiveram escolha vão para as periferias servir aos homens com pouca condição financeira e quase nenhum atrativo intelectual. Já as garotas que escolheram a prostituição, partem para os bordéis e/ou pensões (como antigamente referia-se às casas de prostituição) mais elegantes da cidade, recebendo homens ricos com forte influência política ou comercial:

Germano apresentara Eny ao mundo da prostituição. Antes de decidir mudar de vida, ela visitou várias vezes a zona do bairro do Bom Retiro, que ficava bem perto da Estação da Luz. Naquele território recentemente ocupado pelos imigrantes judeus, concentrava-se a maioria das cafetinas e prostitutas da cidade. Com exceção da Rua Aimorés, endereço dos bordéis mais limpos e refinados, as outras ruas eram ocupadas por casas bem simples, de aparência quase miserável. Em cada rua existia aproximadamente 150 casas abrigando mais de mil mulheres. (MELLO, 2002, p. 95).

Germano Flores foi o primeiro gigolô de Eny, apresentou-lhe o céu e o inferno da prostituição, reconheceu que a menina italiana possuía talento para nunca deixar as nuvens daquela profissão. Claro que, ao reconhecer isso, também percebeu a fonte de renda inesgotável que tinha em suas mãos. Entretanto, Eny não era ingênua, pelo contrário, nunca deixou de lado o sonho de ascender socialmente e manter a família em condições dignas de sobrevivência. Seu desejo de construir seu próprio império nasceu logo no início de sua carreira como prostituta, uma prostituta de luxo.

Essa ideia pode ser confirmada na carta que Eny deixa para a família no dia de sua fuga para o bordel:

Fugi porque sabia que nunca o senhor meu pai e a senhora minha mãe aprovariam a minha decisão. Os meus valores são diferentes dos de vocês. Estou perto, bem perto de entrar para o mundo que seu José sempre sonhou para suas filhas. O mundo do dinheiro, do poder. Não podia mais viver nessa vila, nessa casa cheirando a peixe frito e sem qualquer futuro para uma moça sonhadora e gananciosa como eu. Não nasci para entregar marmitas ou empacotar chocolates. Fiz 24 anos ontem e essa fuga, essa mudança de vida, é o presente que eu estou me dando de aniversário. Vou ganhar muito dinheiro, acreditem. E também não esquecerei de vocês. Como sempre fiz, vou ajudar todo mês com as minhas economias. O meu enxoval pode ser dividido entre as meninas. Ainda não sei para onde vou, nem qual será o meu novo endereço. Só sei que parto para muito longe daqui querendo dar um outro sentido à minha existência. (MELLO, 2002, p.99).

No Rio de Janeiro, Eny fica deslumbrada com o mundo que finalmente conhece de perto, alguns sonhos da juventude dos anos 1940 puderam ser realizados por ela graças à sua escolha de vida. Frequentar o Cassino da Urca, local de maior sucesso na época, com shows diários dos artistas mais famosos como Emilinha Borba, Dalva de Oliveira e Francisco Alves, conhecer e poder conversar brevemente com o então presidente Getúlio Vargas, evidencia que a escolha de Eny começava a dar sinais de que havia sido bem sucedida.

Quando decide ir para Porto Alegre, após a bela experiência e o dinheiro adquirido na cidade maravilhosa, Eny parte sem avisar Germano, para conhecer a senhora Gina Brunetti, uma francesa que viera para o Rio de Janeiro tentar a sorte e acabou ligando-se à prostituição e fazendo uma grande fortuna. Atualmente vivia na capital gaúcha.

Lá, Eny teve a base necessária para anos depois abrir seu próprio bordel. Dona Gina lhe fez algumas exigências iniciais, mas acabou sendo a maior professora que Eny teve na prostituição:

Mulheres que gozam não prestam, dizia dona Gina às suas inquilinas. Eu mesma nunca tive um verdadeiro orgasmo na vida; prostitutas que tem orgasmo com muita facilidade são más profissionais porque, além de se desgastarem rapidamente, acabam se enrabichando pelo cliente. Boas, sim, são as mulheres fridas sexualmente, porque essas fingem, são técnicas e não emotivas e por isso muito mais competentes. (MELLO, 2002, p.110).

Eny aprendeu muito nesse período em que esteve no Rio Grande do Sul, sobretudo, aprendeu que para ter um bordel como o de dona Gina, deveria estimular os clientes a consumir o maior número de bebidas possíveis, assim, o lucro seria da casa, sobretudo da patroa que também levava 30% do valor de cada prostituta. Quanto mais clientes as moças

tivessem na noite, melhor para a cafetina. Nesse sentido, também temos a evidencia de que assim como qualquer comércio ou empresa, a prostituição possui suas regras de mercado, suas brigas pelo comando da situação, sobretudo no sentido financeiro.

A partida para Bauru, cidade do interior paulista que rendeu fama nacional a Eny, foi motivada justamente pelo desejo de não enriquecer mais a patroa graças ao seu serviço, mas ter a sua própria pensão:

Silvia disse que veio passar uma temporada no porto, mas também veio procurar mulheres bonitas para uma amiga que tem uma pensão numa cidade do interior paulista onde está instalada uma grande empresa ferroviária, a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. (...)

Que a dona da pensão só cobra o aluguel do quarto e faz questão que a inquilina estimule os clientes a consumir bebida; o preço do seu corpo é você que faz e fica com o dinheiro limpinho para você, como dona Zulema trabalha. A casa se chama Pensão Imperial e pertence à dona Nair que tem uma única grande concorrente na cidade, uma gorda conhecida como Angelina Maggi, dona do Cabaret Maxim. (MELLO, 2002, p. 117).

Eny Cezarino chega a Bauru, conhecida como “cidade sem limites”, e torna-se a prostituta mais famosa logo na primeira semana. Com o passar do tempo, Eny ganha a confiança de Nair, dona da Pensão Imperial, na famosa Rua Costa Ribeiro, e acaba controlando as finanças da casa, a compra das bebidas e a distribuição da renda para as prostitutas. Anos depois, com as amizades políticas que acaba fazendo, Eny Cezarino torna-se a dona do bordel que seria o mais famoso do estado de São Paulo e um dos mais conhecidos no Brasil. Visitas importantes como de João Goulart, Jânio Quadros, Vinícius de Moraes e Toquinho, deixaram ainda mais glamoroso o Eny’s Bar, ou simplesmente, A Casa da Eny, como os fregueses mais fiéis denominavam.

Podemos abrir um paralelo, afinal, ser prostituta vai muito além de fazer sexo por dinheiro, também é preciso ter um autocontrole rígido e saber inibir, quase sempre, suas emoções reais. Eny além de tudo isso, também deve ter sua grandiosidade reconhecida devido à coragem de romper os padrões estabelecidos, algo que muitas garotas de famílias tradicionais não conseguem ter e dedicam à vida toda a uma experiência de fachada e sem grandes emoções, algo que gera uma grande frustração no futuro.

### 3. A PERSONA “MADAME CLESSÍ”: ENTRE A REALIDADE E A FANTASIA

A personagem Alaíde, da peça rodrigueana *Vestido de Noiva*, 1943, seria o exato exemplo de uma mulher de família tradicional que possui desejos mundanos enrustidos. O diário que possui de uma prostituta do início do século, Madame Clessí, é a única forma de Alaíde poder viver as aventuras que tanto desejava. Tentar sentir o que nunca sentira com o marido:

**ALAÍDE** (excitada) - Bufão, sim. (desafiadora) Diga se já me viu alguma vez? Diga, se tem coragem!

**O HOMEM** (formalizado) - Vou-me queixar à Madame. Não está direito!

**2ª MULHER** (para Alaíde, repreensiva) – Viu? Estou dizendo!

**ALAÍDE** - Diga! Já me viu? Eu devia esbofeteá-lo...

**O HOMEM** (oferecendo a face) - Quero ver.

**ALAÍDE** (numa transição inesperada) - ...mas não quero. (passa da violência para a doçura) Estou sorrindo - viu? Aquilo não foi nada! (sorri docemente).

**O HOMEM** - Vamos sentar ali?

**ALAÍDE** (sorrindo sempre) - Estou sorrindo, sem vontade. Nenhuma. Vou com você - nem sei por quê. Sou assim. (doce) Vamos, meu amor?

**O HOMEM** (desconfiado) - Por que é que você está vestida diferente das outras? (as outras estão vestidas de cetim vermelho, amarelo e cor-de-rosa).

**ALAÍDE** (doce) - Viu como eu disse - "meu amor"! Eu direi outras vezes - "meu amor" - e coisas piores! Madame Clessi está demorando! (noutro tom) Mas ela morreu mesmo?

**O HOMEM** (numa gargalhada) - Madame Clessi morreu - gorda e velha.

**ALAÍDE** (num transporte) - Mentira! (agressiva) Gorda e velha o quê! Madame Clessi era linda. (sonhadora) Linda!

**O HOMEM** (continuando a gargalhada e sentando-se no chão) - Tinha varizes! Andava gemendo e arrastando os chinelos!

**ALAÍDE** (obstinada) - Mulher gorda, velha, cheia de varizes, não é amada! E ela foi tão amada! (feroz) Seu mentiroso! (Alaíde esbofeteia o homem, que corta bruscamente a gargalhada).

(A 3ª mulher vem, em passo de samba, e acaricia a cabeça do homem).

**1ª MULHER** - Ele disse a verdade. Madame tinha varizes.

**ALAÍDE** (sonhadora) - Depois de morta foi vestida de noiva!

(RODRIGUES, 1943, p. 03).

A cena acima apresenta claramente a excitação de Alaíde ao idealizar sua vida como uma cocote semelhante a Madame Clessi, porém o conservadorismo da época não abandona a personagem. Essa excitação conforme afirma Bataille em *O erotismo*, 1987:

A atividade sexual de reprodução é comum aos animais sexuais e aos homens, mas, aparentemente, só os homens fizeram de sua atividade sexual uma atividade erótica, e o que diferencia o erotismo da atividade sexual simples é uma procura psicológica e independente do fim natural encontrado na reprodução e na preocupação das crianças. (BATAILLE, 1987, p. 11).

O teatro de Nelson não possuía, a priori, a intenção de chocar a sociedade carioca, mas sim, desnudar todos os comportamentos “condenáveis” que eram enrustidos. Com esse objetivo, o dramaturgo buscava atingir o público “pecador” de modo sutil, fazendo com que este não percebesse sua crítica e ainda aplaudisse de pé aquela nova forma de encenar um espetáculo.

No *Prefácio de leitura de Vestido de Noiva*, 2004, publicado por Flávio Aguiar, vemos o quanto ser mulher, no Rio de Janeiro dos anos 1940 era difícil devido ao comportamento vigiado e recriminado por muitos:

Ao correr ao encontro da morte, a protagonista, no fundo, quer escapar do cotidiano que a atormenta e com o qual ela não sabe conviver – nem superar – sem cair nos extremos da imaginação (...).

O acidente trágico serviu como uma forma de libertação para esta mulher problemática, que durante a operação deixa livre seu subconsciente para que aflore em borbulhões os traumas e os recalques que a dilaceravam. (AGUIAR, 2004, p. 10).

Existiria algo mais triste do que passar boa parte da vida sendo preso aos padrões e inibindo sensações e desejos simplesmente para não causar escândalos ou meros comentários?

Talvez Alaíde tivesse uma pontinha da Eny adolescente, com um desejo enorme de realizar seus sonhos e suas vontades íntimas, mas, Madame Clessí também pode ser comparada a Eny madura, com uma vida já repleta de aventuras, experiências que ela não teria se não tivesse a coragem de ousar e mudar de vida ainda na São Paulo dos anos 1940.

Reforçando essa ideia, temos o estudo *Sob o signo de Eros*, 2015, que enfatiza o fato de o erotismo estar vinculado a “procura psicológica independente do fim encontrado na reprodução”, trata-se de um caminho que leva à compreensão do próprio ser, em sua situação de descontinuidade e o desejo de alcançar a continuidade:

As vias para se alcançar a continuidade são tantas que podem passar pela experiência corporal ou afetiva ou sagrada. O erotismo seria o elemento subjacente a todas elas, sua experiência está vinculada à falta e à recusa do ser humano em ficar fechado em si mesmo. (SOMENCI, 2015, p.16).

A ideia central desse estudo é justamente fazer o cruzamento de duas realidades, uma ficcional, no caso Alaíde e Madame Clessí, e a outra documental, com a cafetina Eny Cezarino. Tais realidades representam o espírito moral e conservador da época e dois modos de uma mulher conseguir impor-se sobre seus desejos íntimos perante uma sociedade tradicional dos anos 1940 e 1950. Segundo Foucault:

Não digo que a interdição do sexo é uma ilusão, e sim que a ilusão está em fazer dessa interdição o elemento fundamental e constituinte a partir do qual se poderia escrever a história do que foi dito do sexo a partir da Idade Moderna. Todos esses elementos negativos – proibições, recusas, censuras, negações – que a hipótese repressiva agrupa num grande mecanismo central destinado a dizer não, sem dúvida, são somente peças que tem uma função local e tática de poder, numa vontade de saber que estão longe de se reduzirem a isso. (FOUCAULT, 1988, p.17).

Há o modo social, isto é, cumprir as normas para ser uma “mulher respeitável”, mas com os desejos íntimos reprimidos ou quebrar os padrões, ousar e ser a dona do “próprio nariz”, fazendo aquilo que lhe convier, como uma autêntica dona de seu destino. Há também, o modo psicológico que seria o mais interessante a se observar, afinal, mesmo as mulheres respeitáveis possuem seus lapsos de “fuga” para uma realidade utópica, como acontece com Alaíde ao encontrar Madame Clessí, ou mesmo a própria Eny que, ao contrário do que se pensava, descobre que a vida de uma prostituta requer um autocontrole severo, o que, quase sempre, ajuda a criar uma realidade fantasiosa.

A respeito desses modos de imposição feminina, em artigo publicado à *Revista de Estudos Literários da UEMS*, pelo professor Ricardo Porto, 2017, entende-se:

Madame Clessí, a mulher que viveu na casa antes da família de Alaíde e que apenas conhecemos através do diário encontrado, torna-se o ídolo de Alaíde e, ainda que de moral duvidosa, é ela quem compartilha o plano da alucinação com a personagem central. A cortesã carioca, mesmo não se sabendo ao certo se realmente existiu ou não, representa a antítese das convenções da sociedade e transforma-se símbolo de fuga para Alaíde de seu casamento destruído pela culpa e pelas ameaças de Lúcia. Vemos assim que a figura de Clessí é simbólica e torna-se extremamente importante para que se entenda as frustrações de muitas mulheres, tolhidas em suas possibilidades de amar livremente. (PORTO, 2017, p. 128).

A carta que Eny deixa para a família quando decide fugir apresenta certa glamourização da prostituição que, como já destacamos é administrada como qualquer outro trabalho, aliás, possui regras e “leis” mais severas que as de um emprego convencional justamente porque seu instrumento de trabalho é o corpo humano. Essa glamourização associada principalmente à liberdade de escolhas e de administração do próprio corpo é o ponto que mais chama a atenção de Alaíde ao perceber que Madame Clessí era a única forma (graças ao seu diário) de transportar a jovem de família carioca conservadora, para um mundo de prazer e autonomia. Contudo, quantas “Alaídes” existem na sociedade contemporânea com desejo de ser, ainda que por um breve momento, “Madames Clessí”?

Em vésperas de sua “aposentadoria” no mundo da prostituição, a cafetina Eny recebe uma visita de um casal que lhe conta uma história muito interessante:

Vou contar um segredo para a senhora, disse a mulher. Eu e minhas amigas, quando éramos mocinhas, brincávamos de Casa da Eny. Quando meus pais saíam, nós transformávamos a sala no nosso cabaré. Fumávamos escondidas, ficávamos desfilando em trajes obscenos pra lá e pra cá, fazendo poses sedutoras e bebendo uísque. Mas só nós, mulheres: os meninos nem ficavam sabendo. Tínhamos 14, 15 anos, era muito divertido. Era sempre uma briga para decidir quem ia ser a senhora. Depois a gente ainda inventava os clientes invisíveis, os coronéis, os políticos que nossas mães diziam que vinham aqui. Eu tinha uma curiosidade imensa para conhecer a sua casa, dona Eny. Assim que ouvi dizer que ela ia ser vendida, quis vir logo, com medo que o novo dono a destruísse. (MELLO, 2002, p. 265).

Esse breve relato reforça ainda mais a ideia de quão reprimidos os sentimentos reais de uma adolescente ou mesmo uma mulher feita devem ser para a mesma ser aceita e respeitada na sociedade. Ora, então uma prostituta que usa seu corpo como instrumento de trabalho, possui leis e obrigações rígidas para exercer sua profissão, não merece o mesmo respeito dentro da sociedade? Ou então, seria a prostituição uma profissão de submissão feminina ou um empoderamento das mulheres? Haja visto que existe um enorme contrassenso em ser uma mulher “respeitável” com desejos mundanos enrustidos, como no caso de Alaíde, ou mesmo, uma mulher que não tem medo de mostrar suas vontades e viver intensamente do modo que lhe convém e mesmo assim ser taxada como “desfrutável” ou sem moral, como Eny e Madame Clessí. O artigo *Repressão Sexual*, publicado por Marilendes Ribeiro Braga, 2005, presente na coluna de Sinomar Calmona: *Colunismo Social* destaca a respeito da sexualidade feminina:

A mulher sofre com a repressão sexual desde a Idade Média em virtude dos dogmas religiosos impostos pelo clero. O sexo era algo pecaminoso para as mulheres se ligado ao intuito do prazer, isto é, permitia-se a elas relações sexuais apenas para suprir as necessidades fisiológicas de seus maridos e com finalidades reprodutivas. Daí a total submissão ao homem, a inibição do desejo e o descontentamento do próprio corpo. Na década de 1960 tem início a revolução sexual, que privilegiou os direitos igualitários de voto, inseriu a mulher no mercado de trabalho e induziu o sexo livre com o surgimento da pílula anticoncepcional, porém, mesmo com tanto alvoroço, não conseguiu se livrar dos tabus sexuais migrando para uma nova repressão sexual imposta por elas mesmas. (BRAGA, 2005, p.17).

Assim, pode-se atenção à figura da mulher dentro da sociedade, não a contemporânea, mas a sociedade de todos os tempos, tendo sempre um papel de submissão e repreensão por qualquer ato “mal visto”. Depois, pensar na figura feminina que decide usar de seu corpo para enriquecer e realizar sonhos. Mesmo sendo uma mulher independente, a prostituta não se

isenta da taxaço de mulher destruidora de lares. Mas afinal, essa mulher seria poderosa ou submissa de sua prpria escolha? Tomemos como exemplo, para esclarecer essa questao, duas musicas de Chico Buarque de Holanda, *Terezinha* e *Folhetim*.

A letra de *Terezinha*, por exemplo, baseia-se historicamente no papel exercido pela mulher na sociedade portuguesa-espanhola que originou a maior parte das sociedades latino-americanas. Um papel inexpressivo, extremamente pautado na obediência ao pai e/ou marido, na figura masculina de modo geral. Terezinha teria se tornado “pura” ou livre de qualquer pecado ou “má conduta” após ir para o convento, como se a religião “curasse ou apagasse” o que a mulher (sexo frágil) faz de errado.

Muitos trabalhos acadêmicos já realizados ressaltam a forte presença da voz feminina na lírica buarquiana, sobre Terezinha, Roberto Gabriel Guilherme de Lima, em sua dissertação de mestrado, *“Sou dessas mulheres que só dizem sim”*: as mulheres descritas na poesia de Chico Buarque de Holanda, enfatiza:

Ao se analisar o eu-lírico feminino na canção Terezinha, como é o caso dessa canção quando é vista pelo ângulo da linguagem denotativa, verifica-se que a pessoa descrita nesse poema, a “Terezinha”, tem um certo poder em escolher o seu parceiro que melhor lhe convém na cama, como se constata em “E antes que eu dissesse não”, “Se instalou feito um posseiro / dentro do meu coração”. [...] A canção está dividida em três partes que a correspondem às três estrofes. A alusão feita ao primeiro parceiro, o qual foi recusado pela própria Terezinha não vem acompanhada de nenhum adjetivo que o caracterize, mas suas características são apresentadas por suas atitudes e ações demonstrando uma certa delicadeza nos gestos: “como quem vem do florista”; demonstrando também sua riqueza material “Me contou suas viagens e as vantagens que ele tinha” e sua vassalagem amorosa em relação à dama cortejada “Me chamava de rainha”. (LIMA, 2009, p. 49).

Diante da reflexão acima, pode-se perceber que a temática “mulher libertina e submissa” também se apresenta no cancionário popular, com os recursos estruturais próprios do gênero, isso denota o importante papel da arte em não apenas “imitar a vida”, mas também propor reflexões como a questão do empoderamento feminino e administração sexual de próprio corpo. Com *Folhetim* percebemos, ainda que de forma romantizada, a prostituta que vai da submissão ao empoderamento da situação. Empoderamento feminino sobre o masculino. A prostituta, vista como uma mulher que só diz meias verdades e faz vaidoso o homem supor que é seu dono, embora pareça denegrir a figura feminina, é uma forma de mostrar que a prostituta sabe usar os rótulos de sua “persona” a mulher em si, frágil e dominada, e a mulher “da vida”, fácil e interesseira possuem a seu favor. Uma forma de ganhar o território masculino, provando que tal sexo é na realidade frágil e menos esperto porque não percebeu a mulher dominadora que estava se envolvendo.

“Já não vales nada, és página virada, descartada do meu folhetim”. Tal ideia é reforçada por Roberto Gabriel Guilherme de Lima, 2009:

Essa mulher buarquiana, revestida de um certo discurso feminino, vem reafirmar comportamentos sociais antes só concebidos pelos homens, porque falar de vida amorosa com tanta presteza, prazeres sexuais e vida a dois, são comportamentos antes só concedidos aos homens. (LIMA, 2009, p. 30).

Levando em conta a citação acima, a publicação da obra documental *Eny e o grande bordel brasileiro*, vem ao encontro da proposta de discussão aqui desenvolvida: mostrar o



cruzamento temático de duas personagens, uma real e a outra literária, mas que se confluem pelo esforço empreendido de se auto afirmar numa sociedade de tradição machista, onde a sexualidade é vinculada a padrões morais e não a uma experiência de formação e conhecimento do próprio ser.

#### 4. CONCLUSÕES

O estudo de personagem literária e personalidade histórica, como no caso apresentado, envolvendo Madame Clessí, da obra de Nelson Rodrigues e a famosa prostituta Madame Eny Cezarino, personalidade conhecida e presente na memória da cidade de Bauru, pode não ser frequente nos estudos literários, no entanto seus destinos aqui foram cruzados visando trazer à tona temas como empoderamento, erotismo, e feminismo. Temas muito frequentes em obras literárias de todos os tempos, porém não muito estudados segundo a tradição crítica, ou por serem considerados menores ou tabus.

Nesse sentido vimos o quanto Madame Clessí alimentou o imaginário de Alaíde, personagem de classe média, família tradicional burguesa a buscar romper com o meio conservador e a “correr atrás” daquela que poderia ajudá-la na realização deste intento: a cocote do início do século que “deixou” seu diário no quarto da protagonista de *Vestido de Noiva*. Por outro lado, Madame Eny também por ter vindo de classe média, família tradicional e pequeno burguesa, buscou a ruptura com seu meio para se auto descobrir e se auto conhecer, servindo, assim de referência a muitas mulheres que embora fossem reprimidas ao falar de Eny, buscavam nos recônditos das conversas íntimas entre as amigas demonstrar admiração e orgulho pela libertina feminina. É a mulher inteligente por si só, que sabe usar os rótulos para ganhar e/ou empoderar-se da situação, mas, nesse sentido, deve-se ser uma prostituta para ganhar o comando das relações sociais (ou sexuais) ou basta ser uma mulher de autonomia, como Eny e Madame Clessí foram e claramente despertam essa vontade em Alaíde e em outras mocinhas recatadas? Tal pergunta não possui uma resposta concreta, no entanto, ressalta a importância de se compreender e respeitar a liberdade do corpo feminino.

#### REFERÊNCIAS

MELLO, Lucius. **Eny e o grande bordel brasileiro**. 1ª edição. São Paulo: Objetiva: Companhia das Letras, 2002.

CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico: A vida de Nelson Rodrigues**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

AGUIAR, Flávio. **Vestido de noiva: Roteiro de leitura de Flávio Aguiar**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2004.

RODRIGUES, Nelson. **Teatro completo Nelson Rodrigues**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2017.

MAGALDI, Sabato. **Teatro da obsessão: Nelson Rodrigues**. 1ª edição. São Paulo: Global Editora, 2004.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: A vontade de saber.** 1ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade: O uso dos prazeres.** 1ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade: O cuidado de si.** 1ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

SOMENCI, Fabio A. **Sob o signo de Eros: o amor na poesia de Pessoa.** Novas Edições Acadêmicas, 2015.

BATAILLE, Georges. **O Erotismo.** Porto Alegre: L&PM, 1987.

COSTA, N. B. **Música popular, linguagem e sociedade: Analisando o discurso literomusical brasileiro.** 1ª edição. Curitiba: Appris, 2012.

MENEZES, A. B. **Figuras do feminino na canção de Chico Buarque.** 1ª edição. São Paulo: Ateliê Editorial e Boitempo editorial, 2000.

BUARQUE, C. **Folhetim.** Para a peça Ópera do malandro. Disponível em: [http://www.chicobuarque.com.br/construcao/mestre.asp?pg=folhetim\\_77.htm](http://www.chicobuarque.com.br/construcao/mestre.asp?pg=folhetim_77.htm). Acesso em 04 de abril de 2018.

## ABSTRACT

The present work will develop reflections about the female behavior considered appropriate in the eyes of society and the behavior that can be reprehensible. For this study, interpersonal connections will be developed: between the literary character "Madame Clessi", a prostitute symbol of freedom and independence, present in Nelson Rodrigues's "Vestido de Noiva", 1943, and the famous "Madame Eny" of brothels in Bauru-SP and that was documented in the work Eny and the great brazilian brothel, 2002, of Lucius de Melo. If in the past it was considered an empowered woman who obeyed the "correct" behavioral patterns, what is intended to show in this study is different: whether in literature or in life in society, a woman who says no to the current system and decides to live independent mode using one's own body as an instrument of work and personal fulfillment is criticized and excluded. Fulfilling the "social protocol", but keeping intimate desires, aiming for an uninhibited and independent life, especially with regard to the body itself, was not part of the "personas" under study, it is intended to raise this problem and highlight the bold female behavioral cross for those years of 1940.

**Keywords:** Feminine freedom. Empowerment. Eny. Clessí. Rodriguiano Theater.